

A PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA PACIENTES INTERNADOS: DOS FUNDAMENTOS AOS ATENDIMENTOS.

FRANÇA, Gustavo Thayllon¹

RESUMO: A psicopedagogia nasceu através de uma corrente teórica do amplo da aprendizagem, criando instrumentalizações práticas objetivando o aprimoramento de suas práticas interventivas. Neste sentido, surge a Psicopedagogia institucional no âmbito hospitalar, que busca contribuir para os processos psicopedagógicos, emocionais, e afetivos sociais e ainda mediação familiar, podendo então colaborar com o melhoramento do quadro clínico e de saúde do paciente. Neste contexto surge a indagação principal deste trabalho que busca responder qual a importância da Psicopedagogia hospitalar, bem como suas contribuições para os pacientes internados e como propor atendimentos adequados a cada sujeito? Partindo deste princípio este trabalho tem como objetivo principal compreender como a Psicopedagogia hospitalar pode trazer contribuições para pacientes/alunos em estado prolongado de internação. Para corroborar com o cumprimento dos objetivos propostos e da problemática de pesquisa, utilizou-se uma metodologia de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia Hospitalar, Classes Hospitalares, Intervenção Psicopedagógica.

ABSTRACT: Psychopedagogy was born through a theoretical chain of learning, creating practical instruments aimed at improving its intervention practices. In this sense, institutional Psychopedagogy appears in the hospital scope, which seeks to contribute to psychopedagogical, emotional, social affective and family mediation processes, and can then corroborate with the improvement of the clinical and health status of the patient. In this context, the main question of this work is the one that seeks to answer the importance of the Psychopedagogy in hospital, as well as its contributions to the hospitalized patients and how to propose adequate services to each subject? Based on this principle, this work has as main objective to understand how the Psychopedagogy in hospital can bring contributions to patients / students in a prolonged state of hospitalization. In order to corroborate with the fulfillment of the proposed objectives and the research problematic, a methodology of bibliographical revision with qualitative research approach was used.

KEYWORDS: Hospital Psychopedagogy, Hospital Classes, Psychopedagogical Intervention.

¹ Graduado em Pedagogia – Centro Universitário Internacional Uninter, Graduado em Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Graduado em Administração Faculdade Minas Gerais, Bacharelado em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Pós Graduado em Educação Especial e inclusiva, Pós Graduado em Gestão escolar – Orientação e Supervisão, Atua como Psicopedagogo Clínico, Atendimento A crianças especiais e Atua ainda como Coordenador Acadêmico de Polo no Centro Universitário Uninter – Campus Caratinga/MG. E-mail: gustavo.thayllon@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o processo de adoecimento, faz com que o indivíduo que a patologia acomete, conceba diversas condicionantes sejam afetadas, como exemplo, o cognitivo, o social, o afastamento e a quebra da rotina habitual, o afastamento das relações familiares, escolares e ocupacionais, devido a longas internações e devido ao tratamento necessário para melhoramento do quadro clínico. Neste sentido, a Psicopedagogia hospitalar, vem trazer dentro do seu campo teórico e metodológico, práxis de trabalho que buscam minimizar os processos de defasagem acadêmica, e ainda trazer contribuições para se trabalhar o emocional, fazer com que a angustia sofrida naquele momento, seja revertida, e ainda oportunizar aqueles que ali estão nos leitos, atividades de recreação, lazer e ainda ressignificando sua passagem naquele hospital, objetivando como resultando uma reinserção na sociedade quando este receber alta de seu tratamento.

Partindo destas circunstância, sabe-se que o Ministério da Educação, a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB9394/1996 bem como o Estatuto da Criança e do Adolescente, já garantem cada um respectivamente dentro de seus dispositivos legais, a criação de Classes Hospitalares e intervenções Psicopedagógicas para sanar diversas defasagens e ainda melhorar e diminuir o processo de sofrimento, sendo esta a Justificativa primordial deste trabalho.

Um exemplo de intervenção desta modalidade, que pode ser citado é o Hospital Marcio Cunha de Ipatinga, que se apresenta como o primeiro hospital do Interior de Minas a implantar um setor de Psicopedagogia e Pedagogia Hospitalar, trabalhando diretamente com crianças com câncer.

Sendo assim a necessidade de ressignificar, reinserir, recolocar uma criança, um jovem ou um adulto que por motivos de doença, tiveram que mudar sua rotina devido a longas internações, faz com que surja a problemática de pesquisa deste trabalho, sendo qual a importância da Psicopedagogia hospitalar, bem como suas contribuições para os pacientes internados e como propor atendimentos adequados a cada sujeito?

Neste sentido, esta pesquisa possui como objetivo principal, compreender como a Psicopedagogia hospitalar pode trazer contribuições para pacientes/alunos em estado prolongado de internação. Nesta visão, este objetivo se desdobra nos objetivos específicos, sendo, (a) Descrevera Historiografia da Psicopedagogia: Conceitos e pensamentos; (b) estudar os fundamentos e conceitos da psicopedagogia institucional; (c) compreender os pressupostos teóricos e metodológicos da psicopedagogia no âmbito hospitalar; (d) apresentar as características das Classes Hospitalares: Conceito, adaptações físicas e integração com os sistemas de saúde; (e) compreender os processos de Atendimento e intervenção psicopedagógica no âmbito hospitalar e por fim, (f) apresentar a importância do psicopedagogo hospitalar para o processo de ressignificação da criança, jovens e adultos hospitalizados.

O tipo de pesquisa que foi tomada como base neste trabalho foi uma Revisão de Literatura, no qual foi realizada uma consulta a livros, dissertações

e por artigos científicos selecionados através de busca nos seguintes base de dados (livros, sites de banco de dados, etc.)”Bessa (2011)”, “Nogueira e Leal (2015)” e “Calberg, (2000)”, O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos “ 15” anos. As palavras-chave utilizadas na busca foram: *Psicopedagogia clínica*”, “*Psicopedagogia hospitalar*” e “*Psicopedagogia institucional*”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Historiografia da Psicopedagogia: Conceitos e pensamentos

A psicopedagogia nasceu através de uma corrente teórica do amplo da aprendizagem, criando instrumentalizações práticas objetivando a aprimorarem de suas práticas interventivas.

A história da Psicopedagogia, vai muito além da aplicação das duas correntes que inicialmente a criaram, a psicologia e a pedagogia, mas sim, criou-se uma autonomia e uma área do conhecimento própria, objetivando um entendimento desdobrado sobre o fenômeno da aprendizagem e suas condicionantes.

Segundo Veiga (2014), a palavra *psicopedagogia* possui em sua constituição dois termos: *psicologia* e *pedagogia*. A autora faz uma análise da origem grega da palavra *psicologia*, sendo que *psico* significa alma ou atividade da mente, e *logia*, termo que significa estudo.

Portanto, a psicologia pode ser entendida como o estudo do comportamento humano, o qual é decorrente dos processos mentais tais como: percepção, atenção, memória, inteligência, entre outros. A palavra *pedagogia*, segundo a mesma autora, tem origem na Grécia Antiga. O termo *paidés* significa criança e *ago*, conduzir. A pedagogia, portanto, é compreendida como um campo do conhecimento que tem por objeto de estudo a educação e o processo de ensino e aprendizagem.

Nesta concepção, percebe-se que a psicopatologia, surgiu em detrimento das complicações em nível de aprendizagem em que nem a psicologia e nem a pedagogia conseguiram elucidar. Nesta Concepção Para Kiguel (1991 *apud* Bossa, 2007, p. 8),

[...] o objeto central de estudo da psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

Para Schoz (1996) *apud* Costa 2015 o enfoque da psicopedagogia ultrapassa o pensamento racional, fragmentado e causalista do passado, e assume o compromisso de interferir não só nas defasagens, mas também num modelo de conhecimento transdisciplinar, compatível com as características da pós-modernidade por integrar várias áreas do conhecimento e cobrir um vasto campo de atuação de seu profissional.

Verificando o objeto de estudo da psicopedagogia, percebe-se que esta abarca tanto as concepções das ciências humanas, ou seja, da educação e da aprendizagem, quanto a área da saúde que trata questões a níveis de patologias que concernem a aprendizagem do indivíduo com o seu ambiente.

Segundo Bossa (2000, p.21), *apud* Oliveira (2017) o termo *psicopedagogia* distingue-se em três conotações: como uma prática, como um

campo de investigação do ato de aprender e como um saber científico. Portanto, é importante que se tente entender a psicopedagogia como uma área que vem, ao longo de sua história, criando um corpo teórico próprio, sistematizando instrumentos capazes de dar conta de suas investigações, não se propondo a especializar um profissional dando a ele somente parte do que lhe falta.

O surgimento da psicopedagogia, ocorreu na Argentina, especificamente em Buenos Aires, onde aconteciam os tratamentos e os centros de tratamento de Saúde mental para pacientes com transtornos globais do desenvolvimento e da aprendizagem, isso acontecia na década de 1970 (COSTA, 2015)

Nas primeiras décadas (deste século) os psicólogos argentinos não tinham permissão de clinicar, então a educação, quase que total, os levou a produzir toda uma metodologia sobre a chamada dificuldade de aprendizagem dando origem à atual Psicopedagogia. (SILVA *apud* BOSSA, 2007, p. 7)

Nesta concepção os profissionais, criaram uma metodologia alternativa para tratar tais transtornos e problemas a nível de aprendizagem, a psicopedagogia no Brasil, teve sua criação feita de maneira diferente do que na Argentina, onde a psicopedagogia foi associada, uma disfunção neurológica designada de Disfunção Cerebral Mínima (DCM), sendo tratado como área médica, criou-se assim o primeiro curso de Pós graduação ou especialização em Psicopedagogia Clínica em Porto alegre em uma Clínica Médica. (BOSSA, 2007)

Logo em seguida, surgiu a Associação Brasileira de Psicopedagogia, ABPP é uma associação de direito privado, de âmbito nacional, sem fins lucrativos e econômicos, de caráter técnico, científico e social, com atividade preponderante no exercício da psicopedagogia. Fundada em 12 de novembro de 1980, a ABPP agrega psicopedagogos brasileiros com a finalidade de propiciar-lhes o desenvolvimento, a divulgação e o aprimoramento desta área do conhecimento. (ABPP, 2017).

2.2 Psicopedagogia institucional: Fundamentos e conceitos

Uma das abordagens da Psicopedagogia é a abordagem institucional, que trabalha mais no enfoque preventivo, entende-se como instituição todo aquele espaço de atuação e intervenção psicopedagógica que seja fora do âmbito da clínica, neste sentido instituição se caracteriza como a empresa, ONGS, e em especial que será o enfoque tratado neste trabalho o hospital.

De acordo com Oliveira (2014) a Psicopedagogia chegou a instituição, objetivando trabalhar com a prevenção, tomando atitudes anteriores, antes de encaminhar para a área clínica, tendo em vista que muitas das dificuldades de aprendizagem dos sujeitos eram advindos de vínculos institucionais, aos quais o sujeito se acometia em determinado momento, seja escola, familiar, hospital dentre outros.

Neste sentido (COSTA 2015, *apud* BARBOSA, 2001, p. 64)

A psicopedagogia no âmbito da instituição, ao escolher uma forma preventiva de ação, transforma a atenção individual em grupal, analisa os sintomas, considerando a gama de relações que existem numa instituição, e propõe projetos de atuação que apontem para uma mudança global, sem deixar de atender os casos concretos que aparecem como sintomas das tensões

existentes na instituição (COSTA 2015, apud BARBOSA, 2001, p. 64)

Oliveira (2014) coloca que a Psicopedagogia clínica e a Psicopedagogia institucional embora possuam enfoques diferentes ambas estão dentro da mesma disciplina e utilizam das mesmas práxis, ou seja não se pode caracterizar práticas diferentes tendo em vista que só existe uma psicopedagogia e diferentes enfoques.

Neste sentido, deve-se apropriar-se da fala de Barbosa (2001) que afirma que sempre que estiver lendo referenciais sobre psicopedagogia institucional, deve-se ler psicopedagogia atuando no âmbito institucional, ou seja, apresentando um enfoque específico, em uma instituição específica que não seja a clínica, o que não impede de relacionar seus conteúdos e seus pressupostos teóricos, metodológicos e práticos a grupos, comunidades, instituições de diferentes contextos que por sua vez, constituem e fazem parte da composição de uma instituição.

2.3 Psicopedagogia institucional no âmbito hospitalar

Serra (2012) afirma que a Psicopedagogia institucional no âmbito hospitalar é pouco trabalhada, pouco difundida, e portanto pouco conhecida, contudo esta tem a função de trabalhar os processos cognitivos e de aprendizagem da criança, jovem e adolescente, que estão acamadas, internadas e em leitos por longos períodos de tempo e portanto distante da escola.

Serra (2012) endossa ainda que a psicopedagogia hospitalar e o Psicopedagogo, busca atuar junto ao leito, onde o paciente se encontra, com o objetivo principal de reduzir a defasagem, que o afastamento da escola provocou, acredita-se ainda, que o psicopedagogo ainda trabalha com o social e ainda com as emoções deste sujeito que se encontra fragilizado, neste sentido, a atuação é vista no sentido de garantir que quando esse aluno retornar as suas atividades escolares, ele possa, conseguir ter um desempenho adequado.

Costa (2015. p .37) afirma que que no ambiente hospitalar decorre emoções e impressões de tensão, dor ou angústia, é perceptível a necessidade de um atendimento interdisciplinar, próprio do psicopedagogo.

Ainda Nesta visão Amambahy (2003) afirma que:

A Psicopedagogia hospitalar contribui para a melhoria da qualidade de saúde e auto-estima dos pacientes internados proporcionando uma intervenção com ludicidade, humanização e aprendizagem, onde o psicopedagogo atuará de forma coesa, afetiva e humanizadora conectando-se com toda equipe multidisciplinar, criando um elo entre as especialidades, integrando novas ideias e ressignificando, (Amambahy, 2003. s.p).

Na visão de Costa (2012)

Os trabalhos dos médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas e assistentes sociais precisam estar

relacionados no processo de internação e o psicopedagogo tem a possibilidade de ver o aluno/paciente integralmente, com necessidades físicas, emocionais, afetivas, sociais e cognitivas.

Neste sentido, percebe-se então a necessidade do psicopedagogo e de atuação multidisciplinar, atuando não apenas na aprendizagem e no cognitivo, mas sim de uma maneira holística, cuidado dos processos de saúde, e que envolvem critérios, sociais, culturais, afetivos e emocionais.

O atendimento do Psicopedagogo no âmbito hospitalar, se respalda principalmente na RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001, que em seu 13º artigo descreve:

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio, (RESOLUÇÃO, CNE/CEB, Nº2.2001. s.p).

Nesta visão, percebe-se que o artigo supracitado, da resolução em questão, respalda o atendimento a aqueles alunos que se encontram com implicações de saúde, neste sentido cabe ao psicopedagogo, fazer a avaliação psicopedagógica e verificar o tipo de intervenção e acompanhamento que deverá ser realizado, esta avaliação deverá ser realizada com toda a equipe multidisciplinar que acompanha este paciente/aluno.

Cabe ainda ao Psicopedagogo, acompanhar desde o início até a saída deste aluno da classe hospitalar, garantindo com que este consiga se reinserir nas esferas sociais, escolares e culturais sem prejuízos, conforme relata

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

Percebe-se então o que é e como se trabalha a psicopedagogia hospitalar, embora muito pouca conhecida no Brasil, está vem ganhando mais espaços, pois percebe-se que não basta apenas tratar os pressupostos da doença em si que acomete aquele paciente, mas sim os processos de aprendizagem, sociais, afetividade dentre outros, objetivando assim fazer com que assim que este paciente saia de seu leito, consiga ressignificar-se e recolocar-se na sociedade, na escola e em suas famílias, sem perdas e sem prejuízos.

2.4 Classes Hospitalares: Conceito, adaptações físicas e integração com os sistemas de saúde.

A educação já é prevista e tida como direito fundamental na Constituição de 1988, prevendo isso, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, através de seus dispositivos legais, e da resolução, 41 de 13 de Outubro de 1995, vem estabelecer os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados.

Onde em seu 9º artigo estabelece que a criança e ou adolescente hospitalizado tem Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar.

Tratando ainda desta modalidade, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional também prevê esta oferta, de acordo com o Ministério da Educação – MEC (2002), através de sua Secretária de Educação Especial, prevê que:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assevera que, para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino (art. 5º, § 5º), podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem (art. 23). Dentre as circunstâncias que exigem formas alternativas de acesso e organização do ensino, estão aquelas que caracterizam a produção intelectual no campo da educação especial. O Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução no 02, de 11/09/2001, define, entre os educandos com necessidades educacionais especiais, aqueles que apresentam dificuldades de acompanhamento das atividades curriculares por condições e limitações específicas de saúde (art.13, §1º e 2º).

Entende-se por educação especial, conforme aponta a LDB 9394/1996 em seu V Capítulo que:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

Neste cenário, já se percebe uma garantia dos pressupostos educacionais a este público que se encontra neste momento impedido de comparecer as classes regulares, nesta visão, entende-se que se faz necessário, não apenas uma reorganização de assistência médica ofertada, mas também trabalhar com equipe multidisciplinar, garantindo a assistência a saúde, qualidade de vida, tendo em vista a experiência do adoecimento, que por sua vez faz com que haja diversas implicações, afastamento da rotina, amigos, famílias dentre outros.

Nesta visão, surge o atendimento em classes hospitalares, que Segundo o MEC/SEE (2012) define sendo:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (MEC, 2012. p. 13).

Neste sentido, segundo o MEC, o atendimento especializado em unidades hospitalares, deverão estar vinculados e em consonância com os sistemas educacionais, e com a unidade de organização do trabalho pedagógico, nesta visão cumpre ainda a Secretaria de Educação o Papel de atender as demandas solicitadas pelas Unidades hospitalares de prover mão de obra necessária para tal atendimento.

Ainda na concepção do atendimento em classes hospitalares pelo Psicopedagogo, se faz necessário o conhecimento dos equipamentos necessários para que isso se cumpra de maneira assertiva, os dispositivos do Ministério da Educação apontam que se faz obrigatório um espaço que contribua para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, respeitando ainda suas necessidades educacionais especiais, (MEC, 2012).

Ainda sobre as condições de espaço físico a Secretária de Educação Especial aponta em seus dispositivos que:

Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas, (MEC/SEE, 2012. P.16).

Ainda acerca deste mobiliário e equipamentos necessários, vale lembrar que alguns educandos em virtude de sua capacidade e quadro clínico de restrição não conseguirão e estarão impedidos de frequentar as salas e ambientes pedagógicos adequados, neste sentido, deverão receber seus atendimentos nas enfermarias e ou leitos.

O MEC (2012), ainda nos afirma que além dos ambientes adequados, deverão também estar disponibilizados, recursos e materiais didáticos e digitais, para uso dos alunos e do professor, objetivando uma melhor assertividade no processo educacional.

2.5 Atendimento e intervenção Psicopedagógica no âmbito hospitalar

A avaliação psicopedagógica do Aluno em classe hospitalar, deve ser realizado com muita cautela, tendo em vista que, este aluno está passando por diversas oscilações de sentimentos, passando por sofrimento e sendo privado de diversos aspectos sociais e familiares.

Nesta visão o MEC/SEE (2012) define o aluno em classes hospitalares sendo:

É aquele composto por educandos cuja condição clínica ou cujas exigências de cuidado em saúde interferem na

permanência escolar ou nas condições de construção do conhecimento ou, ainda, que impedem a frequência escolar, temporária ou permanente, (MEC/SEE.p.15).

Esta avaliação deve se dá em diversos aspectos, cognitivos, sociais, emocionais, afetivos, seu quadro clínico atual, quadro clínico potencial, dentre outros, objetivando assim a resignificação deste paciente/aluno.

Já o processo de adaptações curriculares no processo de intervenção devem ser realizados, conforme MEC/SEE (2012) afirma:

Eliminação de barreiras arquitetônicas possibilitando o acesso a todos os ambientes da escola, assim como a adaptação de mobiliário, de recursos pedagógicos, de alimentação e cuidados pessoais de acordo com as necessidades do educando. O atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento correspondentes à educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos, (MEC/SEE, 2012.p.17).

Além das intervenções com conteúdo didáticos buscando trabalhar o desempenho do paciente/aluno no que tange sua vida escolar, devem-se também trabalhar com conteúdo que demonstrem critérios de ludicidade, culturas, jogos, dentre outros, que trabalhem também questões de socialização, convívio e aspectos lúdicos.

Neste cenário, temos as oficinas Psicopedagógicas, que podem ser definidas, de acordo com Grassi (2013) como lugar onde se exerce uma atividade profissional, pode ser uma oficina de costura, culinária, mecânica, arte, música, dança, teatro, literatura, terapêuticas, pedagógicas, psicopedagógicas, onde há trabalho de movimento, trabalho de conhecimento e ação.

Ainda nesta visão, segundo a mesma autora, as oficinas se configuram como espaços de ensino e aprendizagem, de maneira ativa e dinâmica, ao redor de uma atividade, produzindo como resultante algo concreto e abstrato, expressando sentimentos e pensamentos, nesta visão, é onde, ensinantes, aprendizes e psicopedagogos, compartilham vivências, trocam papéis, experimentam, compartilham, trocam, criam, constroem, o conhecimento através de ações planejadas e mediadas.

Grassi (2013) afirma que: As oficinas Psicopedagógicas, apresentam relações estreitas com a ludicidade, a brincadeira e os jogos, nesta oficina ainda, se percebe situações e ações lúdicas, e que permitem a construção, reconstrução e desconstrução de um dado conhecimento, além de permitir a expressão de sensações e emoções, objetivando assim a superação da dificuldade.

Ainda na visão da Autora a primeira modalidade é a oficina Psicopedagógica utilizando Jogos, estes passam a ter recursos terapêuticos, pois buscam identificar as dificuldades, e a localização da defasagem, para ai tratar com as intervenções, neste sentido, os jogos e oficinas com o intuito

terapêutico buscam, a criação de condições internas que levam a aprendizagem, ao desenvolvimento, a superação das dificuldades. (GRASSI, 2013).

Outra proposta é a Oficina Psicopedagógica com história, onde é utilizadas histórias e a contação de histórias, onde as crianças, jovens, a adolescentes se interagem e sentem prazer em ouvi-las, busca trabalhar a comunicação e estreitamento de relações, transmitir conhecimento e provocar reações.

Outra modalidade de oficina psicopedagógica é a dramatização que segundo Grassi (2013), os jogos dramáticos, permitem ao paciente/aluno a desenvolver a criação e a imaginação, construção de conhecimentos, elaboração de sentimentos, conquista de autonomia e vivência de liberdade, valorização do outro, melhoramento da linguagem, domínio e equilíbrio do próprio corpo, e de suas possibilidades, expressivas, relacionais, e motores.

Neste cenário, percebe-se que as oficinas psicopedagógicas, trabalham não apenas com o cognitivo da criança, do jovem e do adolescente, mas também com questões sociais, familiares, emocionais e afetivas daqueles que estão em estado de internação e ou hospitalizados impedidos de frequentar uma classe regular.

2.4 A atuação e importância do Psicopedagogo nas classes hospitalares

O psicopedagogo dentro do âmbito institucional, tem um papel de mediador do processo de intervenção e aplicação de metodologias específicas, objetivando, trabalhar questões afetivas, cognitivas, sociais e familiares, de acordo com o MEC/SEE (2012).

O professor que irá coordenar a proposta pedagógica em classe hospitalar ou em atendimento pedagógico domiciliar deve conhecer a dinâmica e o funcionamento peculiar dessas modalidades, assim como conhecer as técnicas e terapêuticas que dela fazem parte ou as rotinas da enfermaria ou dos serviços ambulatoriais e das estruturas de assistência social citadas anteriormente, quando for o caso, (MEC/SEE, 2012.p.22).

Nesta visão, Junior e Alves (2016) afirmam que:

Desta forma, a atuação deste profissional é muito importante diante das necessidades de crianças, adolescentes e adultos hospitalizados (PADULA; REIS, 2014). Assim, atividades que divirtam estes pacientes apresentam-se como sendo uma ferramenta diante deste processo (NOFFS; CARNEIRO, 2010). Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015), e Rocha e Porfírio (2015) referem-se ao lúdico como uma alternativa motivadora no processo de ensino aprendizagem dos indivíduos hospitalizados. Fazendo-se necessário, diante de tal situação, conhecer-lhes o estado físico, emocional e mental para a realização de atividades compatíveis, a fim de atingir os objetivos traçados pelo profissional. Com isso, além da diminuição no déficit do aprendizado causado pela a internação, a recuperação ocorre de forma mais coesa, (JUNIOR, ALVES, 2016.p.66)

Nesta visão, conforme demonstrado anteriormente, pode-se utilizar de diversos recursos, sejam terapêuticos, de lazer, oficinas psicopedagógicas, oficinas de diálogo e contagem de história, oficina de arte, dentre outros diversos recursos que buscam trazer para a realidade daqueles sujeitos que estão em classes hospitalares, desta forma, cabe ao psicopedagogo, avaliar todo o cenário que está acometido aquele paciente/aluno, com o intuito de se trabalhar aquilo que dará mais resultado e assertividade, fazendo com que este sujeito se sinta bem, tranquilo, fazendo com que seu tratamento clínico no hospital seja feito com a maior tranquilidade possível.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de se olhar a diversidade, no que concerne aos pacientes que estão em leito e em prolongamento de internações, não mais se configura como uma alternativa, e sim como algo de extrema prioridade, no que tange a psicopedagogia hospitalar.

Neste sentido, diversos dispositivos legais, como exemplo, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação e o Estatuto da Criança e do Adolescente já garantem a operacionalização e funcionamento do acompanhamento psicopedagógico em hospitais, bem como a estruturação para organização de classes hospitalares.

Neste cenário, percebe-se então, não apenas o cuidado com o desempenho acadêmico e escolar do aluno/paciente que se encontra em estado de internação, mas sim uma atenção voltada para os vínculos familiares, autoestima, afetividade, emoções e sobre tudo cuidado, tendo em vista que este paciente/aluno está em um estado de fragilidade, devido a seu quadro clínico.

Infelizmente, mesmo com todos os dispositivos legais existentes e as garantias presentes na Constituição Federal de 1988, que respalda o direito a saúde e educação, a Psicopedagogia Hospitalar ainda é muito pouco explorada no Brasil, suas práxis, ainda são pouco conhecidas e pouco posta em prática, todavia, já se percebe um aumento gradativo do surgimento de demandas para o profissionais e sobretudo a real necessidade de se fazer uma Psicopedagogia Hospitalar.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução cne/ceb nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> Acesso em 17 de Maio de 2018.

SERRA, Dayse. **Teorias e Práticas da Psicopedagogia institucional.** 1 ed. Curitiba: IESDE 2012.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar.** Curitiba: Expoente, 2001.

OLIVEIRA, Mari. **Psicopedagogia: A instituição Educacional em Foco**. Curitiba. Intersaberes. 2014.

AMAMBAHY, Karmem Abreu Silva. **Psicopedagogia hospitalar – o vínculo afetivo da criança hospitalizada com a aprendizagem**. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABVBwAF/psicopedagogia-hospitalar-2013-vinculo-afetivo-crianca-hospitalizada-com-a-aprendizagem>> Acesso em 10 de Maio de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> acesso em 19 de Junho de 2018.

CONANDA - O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **RESOLUÇÃO 41, DE 13 DE OUTUBRO DE 1995**. Disponível em <http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf> acesso em 19 de Junho de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>> acesso em 19 de Junho de 2018.

COUTO, Janaina Martins. **Intervenção Psicopedagógica em classes hospitalares uma alternativa de atendimento**. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/JANAINA%20MARTINS%20COUTO.pdf>> > acesso em 19 de Junho de 2018.

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SCHOZ, Beatriz Judith Lima. A psicopedagogia na visão multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. **Revista Pedagógica**, n. 15, p. 39, 1996.

JUNIOR, Edivaldo Xavier da Silva , ALVES, Maria Izabel . **PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA ABORDAGEM NA LITERATURA**. Universidade Regional do Cariri – URCA, Caderno de Cultura e Ciência, v.15, n.2, Dez, 2016

GRASSI, Tania Mara. **Oficinas psicopedagógicas**. Curitiba, Intersaberes, 1ª Ed . 2013.

"**etiologia**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/etiologia> [consultado em 25-12-2017].

COSTA, Margarete T. A. **Projetos transdisciplinares**: uma possibilidade de educação científico-tecnológica e sócio-histórica para os que vivem do trabalho. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/pedagogia/dprojtransd.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

COSTA, Margarete Terezinha de Andrade . **Introdução a psicopedagogia**. - 1. ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2015.

ASSOCIAÇÃO BASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **História da ABPS**. Disponível em < http://www.abpp.com.br/psicopedagogo_historia_abpp.html> Acesso 21 de Dezembro de 2017,

ASSOCIAÇÃO BASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Quem somos**. Disponível em <http://www.abpp.com.br/psicopedagogo_quem_somos.html> Acesso 21 de Dezembro de 2017,

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. 2. ed. — Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011. 264 p.

VISCA, Jorge. Clínica **Psicopedagógica**. Epistemologia Convergente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

HOSPITAL MARCIO CUNHA. **Primeiro do interior de Minas a implantar Pedagogia Hospitalar**. Disponível em < <http://fsfx.com.br/usisaude/hmc-primeiro-do-interior-de-minas-a-implantar-a-pedagogia-hospitalar/>> Acesso em 10 de set de 2018,